

A Terra é um só país

Márcio Fortes *

Meses antes da Conferência Rio-92, temia-se que o Fórum Global das Organizações Não-Governamentais (ONGs) ficaria no folclore verdista. Iria ser algo como um Woodstock tropical, ou uma quermesse babilônica com muitas excentricidades e poucas idéias.

Nada mais falso. Os eventos do Fórum Global foram marcados, na maioria, pela seriedade e pelo espírito construtivo. Numa verdadeira cidade de 130 mil metros quadrados, 12 mil representantes de 5.600 organizações não-governamentais, procedentes de 165 países, expuseram em mais de 700 estandes suas idéias e suas propostas sobre como harmonizar o crescimento com a proteção à natureza.

Imaginava-se também que iria haver um abismo entre as conclusões dos trabalhos das ONGs, de um lado, e, de outro, os simpósios dos cientistas e a reunião política das delegações oficiais. Seria algo como um confronto de surdos.

Igualmente falso. Não houve delírios nem irrealismos bizarros. Houve vontade de acertar; uma militância aguerrida em defesa do bem-estar para a humanidade; uma cobrança saudável pela preservação da riqueza cultural e biológica do planeta. Com isso, as reuniões do Fórum Global acabaram tornando-se fundamentais para a Rio-92, com uma integração e uma ampla participação popular que as legitimam. Acabaram tornando-se um exemplo para os governantes de mais de cem nações e os demais homens públicos reunidos no Riocentro na Conferência da Cúpula da Terra.

O empresariado também é uma força não-governamental. Nessa condição, esteve ele também no Fórum Global, representado pelo Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (BCSD), que lá manteve um estande.

Com sua atuação no Fórum Global, lado a lado com entidades ambientalistas e grupamentos sociais da mais ampla diversidade, os empresários desempenharam o papel que lhes impõe a modernidade: desenvolver novas formas de cooperação entre governos, indústria e os demais grupos da sociedade.

Mais até do que movido pelo interesse comercial, o empresário moderno atua movido pelo interesse público. Ele tem responsabilidade pública, como produtor de riquezas e gerador de empregos. Mantendo sua empresa viva, ele está mantendo um microcosmo da sociedade humana, uma colmeia que agrupa seres humanos e lhes proporciona bem-estar. Com sua atividade, com seus produtos, a empresa tece fios que ligam esse microcosmo à própria comunidade, à sociedade em que está inserida.

Numa economia aberta e democrática diz-se que o que deve prevalecer são as forças de mercado. E ainda mais, apropriado dizer que o que deve prevalecer é o interesse público, que os empresários defendem ao representarem as forças de mercado. O Fórum, e a participação nele do BCSD, foram um exemplo de como o interesse público se conjuga com os interesses do mercado.

A seriedade dos debates do Fórum Global foi um importante subsídio para as decisões dos chefes de Estado. Uma ONG inglesa, por exemplo, defendeu a tese — apoiada por empresários de vanguarda — de que devem ser maiores as tarifas sobre produtos cuja fabricação envolva agressão ambiental. Defendeu também o repasse anual de 0,7% do PIB dos países industrializados para os países em desenvolvimento — repasses que nos últimos anos não teriam chegado sequer a 0,35%. O dirigente de outra ONG pregou a necessidade de uma parceria entre países ricos e pobres, para se alcançar o desenvolvimento sustentável em escala mundial. Para ele, o comércio internacional deve subordinar-se à capacidade de exploração dos recursos naturais, sem agressão aos ecossistemas. As ONGs propugnam a criação de organismos para o monitoramento do comércio internacional, os quais fixariam limites para a exploração dos recursos naturais; pregam também a internacionalização dos custos ambientais, a serem repassados ao custo final dos produtos industrializados.

Como se vê, os debates e as propostas que saíram do Fórum foram bem mais consistentes que o antes temido folclore de convescote.

Todos aprenderam, na Rio-92, que ninguém — nem governos, nem empresários, nem cientistas, nem as organizações não-governamentais — poderá resolver sozinho os grandes desafios ambientais do nosso mundo. O tempo é de parcerias.

Após esta Conferência, a maior da História humana, o primeiro encontro mundial de governos depois do fim da guerra fria, precisamos eliminar a dicotomia entre Norte e Sul, agora que já não existe a divisão Primeiro/Segundo Mundo. Eliminar a dicotomia Norte-Sul significa dizer: eliminar a dicotomia entre países ricos e países pobres. A Terra é como um só país, como uma só espaçonave vagando pelo cosmos dentro da qual estamos todos juntos. E as ONGs representam a população do planeta.

É como diz uma frase que esteve exposta em um estande do Fórum Global: a Terra é um só país, e os seres humanos são os seus cidadãos.

* Empresário e o diretor, no Brasil, do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (BCSD), organismo vinculado à ONU.